

Estudar no exterior pode ser uma arapuca

CARLA ROCHA

O baú de recordações da estudante C. é impróprio para menores de 18 anos. Moradora de Copacabana e filha de um casal de classe média alta do Rio, ela prefere não lembrar o assédio sexual que sofreu do "pai" durante os quatro meses em que viveu com uma família de fanáticos protestantes de Idaho, nos Estados Unidos, pela qual foi "adotada" a partir de um contrato de intercâmbio cultural com duração de um ano. Assustada, ela suportou calada, aos 16 anos, seu "pai" tocar suas coxas, agarrá-la pelas costas e sussurrar palavras de amor enquanto fingia dormir. C. é uma das muitas vítimas de uma máfia que age no mercado de intercâmbio cultural, que duplicou nos últimos seis anos e leva, em média, cerca de 3 mil jovens brasileiros, entre 15 e 18 anos, para estudar em escolas secundaristas do mundo inteiro.

A história de C. decorre de uma total falta de controle sobre essas atividades que cresceram muito nos últimos anos e viraram moda, especialmente, entre estudantes da Zona Sul do Rio. A maioria dessas experiências traumáticas se passa nos EUA, já que 90% dos intercambistas optam pelas escolas secundaristas americanas. Embora esses casos aconteçam mesmo com jovens inscritos em agências especializadas em intercâmbios, os riscos tendem a ser maiores em programas feitos através de pessoas não especializadas, que trabalham informalmente em casa e não representam instituições americanas. A escolha das famílias que vão receber os estudantes brasileiros nem sempre é criteriosa.

Os adolescentes, muitas vezes, acabam como "filhos" de drogados, maníacos sexuais ou religiosos, passam por delinquentes e ladrões ou ainda vão parar em lugares longínquos, sem qualquer chance de troca de experiências. Também há os que são matriculados irregularmente em escolas americanas e permanecem no país com vistos de permanência inadequados para o tempo previsto no contrato.

As denúncias de irregularidades fizeram aumentar os processos judiciais contra as agências de intercâmbio e os curiosos que saem do país em verdadeiras aventuras com numerosos grupos de adolescentes. Como a empresária Ana Cristina Souza, de Salvador, que está processando Eduardo Tanure, dono da agência Student Exchange Association (SEA), responsável pelos percalços que o filho Carlos Eduardo passou em Yorktown, no estado de Indiana, nos EUA. O rapaz, na época com apenas 15 anos, foi matriculado irregularmente numa escola fora de seu distrito, usando como artifício um documento expedido no nome de uma família adotiva que não era a sua. Carlos Eduardo vivia sobressaltado com a possibilidade de ser descoberto. Na casa de sua "família", que era muito pobre, passou privações, nunca se alimentou com uma comida quente, apesar do inverno rigoroso, e dormia sobre um colchão furado.

— Nunca me importei que ele fosse para uma família com padrão diferente do nosso. Mas soube que ele sofria muito e chegava a dormir com os braços embaixo das costas por causa de um buraco no colchão — recorda a mãe.

Há dois anos, as agências decidiram se reunir em torno da Associação Brasileira de Turismo Educativo (Abelta), que tem entre seus principais objetivos combater os maus profissionais e criar um código de ética para nortear o trabalho dos associados.



Silvio: experiências amargas até encontrar uma 'família' que o tratasse bem

Silvio chegou a ser expulso pela 'família'

Quando conheceu sua nova "família", em Sarasota, na Flórida, Silvio Passarini de Rezende Júnior não poderia imaginar que seria "filho" único de uma "mãe" ex-alcoólatra e ex-viciada em drogas. Morador de Botafogo, ele superou o impacto. Mas nem com toda boa vontade conseguiu ficar por muito tempo em sua "casa". Depois de cismar que ele tinha pego US\$ 100, a "mãe" não pensou duas vezes em pôr o "filho", então com 15 anos, no olho da rua.

Silvio deu a volta por cima. Achou uma segunda família: um casal em processo de divórcio. Ele atravessou toda a fase de separação vivendo o drama dos "pais" e, na medida do possível, procurou apoiar a "mãe" Janeth. Os esforços não foram recompensados: ela se tornou uma "mãe" autoritária e repressiva. Silvio, que já acumulava tarefas da casa, teve que assumir as do "pai". Depois da escola, lavava a louça, aspirava a casa, cortava a grama. Janeth teve que operar uma hérnia e Silvio, que tentava vestibular para Medicina, fez lá o seu primeiro pós-operatório.

— Não deu. Tive que mudar de novo de família, onde fui muito feliz — lamenta Silvio, hoje com 18 anos.